



Everton Augustin

Professor e gestor escolar
everton.augustin@gmail.com

Poupem!

A roupa de domingo só deixava de ser usada quando não servia mais mesmo. Ai, obviamente, já passara por todos os ajustes e gerações possíveis. Se a roupa era do irmão mais velho, passava para o mais novo. Depois que a função domingueira tinha sido executada, passara a ser usada na lida diária até se tornar praticamente um farraço, tiravam-se as partes aproveitáveis.

Os retalhos eram guardados e poderiam virar tapetes ou colchas. Se não houvesse uma Singer, máquina de costura tocada a pedal, as peças eram unidas com agulha mesmo, buscando pon-

tos perfeitos de acordo com a destreza da costureira. Da roupa destinada a outras funções, pano de chão que fosse, antes ainda, os botões eram cuidadosamente retirados e guardados. Sempre poderiam ser reutilizados, nem que fosse para jogar moínho ou futebol de botão. Estávamos sempre de olho nos grandões guardados solenemente com os outros materiais de costura.

Poupem em tempo e terão quando necessitarem. Isso valia principalmente para os alimentos. O que sobrava em um dia era reaproveitado em alguma refeição posterior. O bolo da avó fei-

to com sobras de arroz e canela era divino. Mesmo que deteriorados, alguns alimentos cevavam animais para ocasiões especiais: batizado, confirmação, casamento ou Kerb (quermesse). Depois, o ciclo alimentício se repetia.

Lembro ainda da fala do meu avô, em seu dialeto, quando reclamávamos da pouca quantidade de sobremesa: "Wer 's Kleene net ehrt, is es Grosse net wehrt" ou "quem não valoriza o pouco muito não merece". A cultura imigrante trouxe fundamentais ensinamentos.

Gravadas na memória, essas e outras lições forjaram um modo de ser.



Magali Schmitt

Jornalista e escritora
magalischmitt@hotmail.com

A culpa por descansar

Quando foi a última vez que você não fez nada, ficou de pernas para o ar, sem a menor conexão com qualquer estímulo? O universo nos diz: ocupe seu tempo o máximo possível, encha todos os espaços com informação, mantenha-se ocupado! E o ócio, onde fica? Foi sequestrado pelo desempenho. Não basta ler; é preciso estabelecer uma meta anual de leitura. Apenas caminhar não tem graça: temos de contar passos. Treinar é chato demais. O intervalo entre uma série e outra a gente preenche consumindo conteúdo no celular. Enquanto o si-

nal está fechado, checamos as mensagens. Lavamos louça ouvindo podcast.

Existir parece não ter mais sentido se não estivermos produzindo durante 100% das horas úteis do nosso dia. Sem falar em quem não consegue desligar as notificações do telefone durante a noite nem dormir em paz por causa disso. O mundo instantâneo está se alimentando da ansiedade. Nossa galeria, repleta de fotos que jamais serão vistas ou impressas, revela o quanto desperdiçamos momentos e deixamos de senti-los na ânsia de registrá-los.

O descanso só é autorizado se

apresentar algum resultado mensurável. Até o silêncio se torna incômodo, porque não sabemos mais ficar sozinhos. Cada instante exige um propósito preestabelecido. E então, despretensiosamente, deixo no ar uma proposta: se você acha que o limiar entre otimização e exaustão não está bem definido aí dentro, desligue os aparelhos, rasgue a lista de tarefas. Tente sentir o vento, o cheiro da terra molhada pela chuva, abrir a janela para a luz da lua. Vai valer a pena, eu garanto. Algumas coisas lá fora ainda são insubstituíveis.



Nestor Luiz Trein

Professor
nestorluiztrein@gmail.com

Protetor amável idílico

Pois das memórias de sala de aula lembrei a professora falando do dia dos pais e vi um colega com os olhos marejados. Perguntei no recreio, achando que minha sensibilidade superava a da professora, por que estava tão triste?

- Não tenho pai, foi a resposta.

Todos sabíamos, inclusive a professora, que o pai estava preso, por um suposto ilícito nunca muito bem esclarecido. Então, senti algo que surfa até hoje em minhas inspirações e falei com todas as letras, que isto era um engano, pois o fato do pai não estar fisicamente no lar, não lhe dava o direito

de uma afirmação tão grave.

Ao ver seu ar de censura, perguntei quantas vezes na vida havia corrido riscos e se safado, tanto que estava ali entre nós. E concluí: - Ali meu caro, havia uma mão te segurando, um escudo te protegendo, alguém chamado pai. Não importa onde esteja fisicamente. Eles tem este poder, porque sobre eles há um Pai, como lemos em Mateus 10:30 "Quanto a vocês, até vossos cabelos estão contados". Se não crês nisto, por que rezas todos os dias aqui conosco (era moda épica, antes das aulas) e em casa, se não acredita-

nisto? Ele me olhou e balbuciou um "muito obrigado".

Mas o que eu não notara, era a professora nos observando e me chamar para cumprimentar-me.

Por ser professora, não estou isenta de uma distração momentânea como aconteceu hoje, mas não preciso ouvir para saber o que conversaram, basta observar, meu pai me deixou este dom, foi sua resposta.

Portanto, caro leitor, ao atravessar uma rua de mão única e olhares para os dois lados, sintam duas mãos torcendo seu rosto, são dele, seu pai.

Flávio Fischer

Tabelião
flavio@fischer.not.br



Humanismo e tecnologia

O aumento da polarização entre humanismo e tecnologia mostra a redução de nossa capacidade de lidar com o mundo complexo que nos rodeia. Isso se aplica também, e agora em véspera eleitoral mais ainda, ao nosso convívio social, e aos radicalismos presentes nas posturas de direita e esquerda. "Estranhamente, o novo mundo da informação, embora seja um 'sério suspeito' nessa crescente polarização e dissonância, pode nos ajudar a reconciliar nossas personalidades divididas. Essa noção é compatível com nossas insistentes observações de que a tecnologia e os objetivos humanos rendem mais quando combinados para a consecução de um objetivo humano comum." São afirmações de Michael Dertouzos, no livro *O Que Será? - Como o mundo da informação transformará nossas vidas*.

E na prática já está

transformando, de maneira assustadoramente rápida. Agora com a Inteligência Artificial, mais ainda. Eu, que sempre fui adepto das modernidades tecnológicas, ainda não aceitei muito bem essa tal de IA. Assim como sinto estranheza com as reuniões e aulas virtuais. Sinto falta da "humanidade" dos encontros presenciais. Mesmo admitindo a praticidade e até redução de custos com o uso das tecnologias.

Isso me faz lembrar de afirmações que sempre fiz em grupos de amigos e até em encontros políticos: Ou nós somos capazes de agir em conjunto em benefício do bem comum, independentemente de convicções ideológicas, religiosas ou partidárias, ou permaneceremos indefinidamente criando abismos entre as convicções de lado a lado, com acusações recíprocas, como os defensores ferrenhos da tecnologia e os humanistas.

Ane Kielling

Arquiteta, escritora e palestrante
ane@ceruttiengenharia.com



N. Hamburgo como meta

Dias atrás, tomada pela curiosidade de resgatar memórias da nossa terra, decidi fazer uma pergunta para a Inteligência Artificial. Questionei se ela conseguiria encontrar dados, registros ou reflexões sobre o "Projeto Novo Hamburgo como Meta", de 1986.

A partir daquela tela fria, fui transportada para um exercício de resgate que vai muito além da tecnologia. Alguém ainda se lembra desse projeto? Em sua essência, qual era o seu verdadeiro intuito? Que tipo de sentimento ele fomentou nas pessoas, nos bairros e nos bastidores da nossa cidade? Quando olhamos para a Novo Hamburgo de hoje, quais foram as conquistas reais que derivaram daquela mobilização inicial?

Muitas vezes, ideias grandiosas nascem com o poder de acender a esperança, mas acabam diluí-

das pelo tempo. No entanto, o espírito de colocar a nossa cidade no centro de uma meta coletiva não deveria ser um acontecimento passageiro.

Uma cidade não se constrói apenas com tijolos e asfalto; ela ganha vida através do olhar de pertencer e do cuidado de quem nela habita. Quando olhamos para o passado com discernimento e sem saudosismo estéril, percebemos que o futuro sempre esteve nas escolhas do presente. O "Projeto Novo Hamburgo como Meta" nos lembra que ter um rumo transforma o esforço em força comunitária. Resgatar essa visão é um convite para não deixarmos que nossos melhores propósitos adormeçam.

Diante de tudo o que vivemos e sonhamos, qual é a meta pessoal e coletiva que você está disposto a construir por Novo Hamburgo a partir de hoje?

Eu, fotógrafo

Envie sua fotografia (preferencialmente horizontal) para vidareal@gruposinos.com.br

Primavera antecipada com a beleza da floração do Ipê Amarelo devido ao calor no inverno
Nilson Pedro Wolff
Campo Bom



Os artigos publicados nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente, o tamanho é de até 1.600 caracteres com espaço. Artigos podem ser enviados para opiniao@gruposinos.com.br.

abc+
Mais artigos em
abcm.com.br/opiniao